



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO  
CULTURAL E ARTÍSTICO

RENATO HENRIQUE RENDA

## **CONJUNTO ARQUITETÔNICO DO SESC POMPÉIA: PATRIMÔNIO DA FRUIÇÃO**

São Paulo - SP

2018

RENATO HENRIQUE RENDA

**CONJUNTO ARQUITETÔNICO DO SESC POMPÉIA: PATRIMÔNIO  
DA FRUIÇÃO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, lato sensu – a distância, do Programa de Pós-graduação em Arte-PPG-Arte, Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

**Orientadora:** Profa. Dra Helena Célia de Souza  
Sacerdote

São Paulo - SP

2018

## **DEDICATÓRIA**

À Deus, Thalita e Luciane, eternas inspirações.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Professora Helena e a Professora Verônica, mediadoras e facilitadoras nesta jornada.

Agradeço ao Roberto Carlos Pignatari, pela amizade e erudição.

## RESUMO

Em março de 2015, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) através de seu Conselho Consultivo, aprovou por unanimidade a inclusão do Conjunto Arquitetônico do SESC (Serviço Social do Comércio) Pompéia como Patrimônio Cultural Brasileiro. Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar se a fruição é a principal motivadora do sujeito no desenvolvimento de hábitos culturais, apropriando-se de lugares e espaços como um patrimônio. Para isso, realizou o mapeamento de um centro cultural e de lazer e sua representatividade como território de fruição, analisou a bibliografia em torno da temática e fez a reflexão em torno do tempo livre, do lazer, do ócio e da massificação da cultura. Recorremos ao pensamento grego antigo, tendo como base a “cidade ideal” como modelo de bem-estar do sujeito em meio à sua coletividade. A metodologia baseou-se no relato de experiência de vivência com o Sesc Pompéia por mais de três décadas, levando em consideração aspectos pessoais como o histórico afetivo, a apropriação do espaço como hábito cultural e a consequente relação profissional estabelecida nos últimos anos. Os resultados indicam que a massificação da cultura é um obstáculo a ser superado pois tem grande capacidade de promover a alienação do sujeito e o domínio dos bens culturais vigentes. A estrutura conceitual de centros culturais e esportivos são relevantes para ações pedagógicas devido à sua qualidade operacional e desprendimento com padrões ultrapassados da educação formal. A fruição é entendida como principal fonte motivadora dos hábitos culturais, na medida em que o sujeito elege para si determinado espaço como fonte de felicidade.

**Palavras-chave:** Fruição; Patrimônio Cultural; Lazer; Sesc Pompeia.

## ABSTRACT

In March 2015, the Institute of National Historic and Artistic Heritage (Iphan), through its Advisory Council, unanimously approved the inclusion of the Architectural Set of SESC (Social Service of Commerce) Pompéia as Brazilian Cultural Heritage. This research had as main objective to investigate if the fruition is the main motivator of the subject in the development of cultural habits, appropriating places and spaces as a patrimony. To do this, he mapped out a cultural and leisure center and its representativeness as a territory of enjoyment, analyzed the bibliography around the theme and made the reflection around free time, leisure, leisure and massification of culture. We have recourse to ancient Greek thought, based on the "ideal city" as a model of the subject's welfare in the midst of its collectivity. The methodology was based on the experience of living with Sesc Pompéia for more than three decades, taking into account personal aspects such as affective history, the appropriation of space as a cultural habit and the consequent professional relationship established in recent years. The results indicate that the massification of culture is an obstacle to be overcome because it has great capacity to promote the alienation of the subject and the mastery of the cultural assets in force. The conceptual structure of cultural and sports centers are relevant to pedagogical actions due to their operational quality and detachment with outdated patterns of formal education. Fruition is understood as the main motivating source of cultural habits, insofar as the subject chooses for himself a certain space as a source of happiness.

**Keywords:** Fruition; Cultural heritage; Recreation; Sesc Pompeia.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	8
1. REFERENCIAL TEÓRICO .....	10
2. METODOLOGIA .....	13
3. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	15
3.1. Contexto histórico .....	15
3.2. Cidadela da Liberdade .....	16
3.3. O conceito Sesc .....	17
3.4. Percursos e paisagens .....	18
3.5. Fruição .....	19
3.6. Patrimônio cultural .....	19
CONCLUSÃO .....	29
REFERÊNCIAS .....	30

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrada pela emblemática Rua Clélia, 93 .....	21
Figura 2 - Entrada da Área de Convivência.....	21
Figura 3 - Riacho inspirado no Rio São Francisco .....	21
Figura 4 – Lareira .....	22
Figura 5 - Detalhe do teto e da parede de tijolos .....	22
Figura 6 - Espaço expositivo.....	22
Figura 7 - Escada de acesso ao Espaço de Leitura.....	23
Figura 8 - Painel do cardápio .....	23
Figura 9 – Teatro.....	23
Figura 10 – Forno .....	24
Figura 11 - Panorama da rua central .....	24
Figura 12 - Detalhe das Oficinas de Criatividade.....	24
Figura 13 - Painel das Oficinas de Criatividade .....	25
Figura 14 - Imagem refletida do Conjunto Esportivo .....	25
Figura 15 - Espaço Infantil .....	25
Figura 16 - Deck Solarium.....	26
Figura 17 – Piscina .....	26
Figura 18 - Conjunto Esportivo .....	26
Figura 19 - Escada helicoidal.....	27
Figura 20 - Batente da rampa Flor de Mandacaru .....	27
Figura 21 - Visão das rampas Flor de Mandacaru .....	27



## INTRODUÇÃO

A relação entre fruição e patrimônio é muito próxima. Ao elegermos um lugar pelo simples prazer de estar ali, estabelecemos uma relação afetiva. É evidente que diversas motivações utilitárias também merecem atenção. No caso de um centro cultural e de lazer temos atrativos que nos direcionam para as atividades práticas ofertadas. Se temos apreço por determinado esporte ou manifestação artística e cultural procuramos estar próximos a tudo aquilo que se relaciona com isso e imediatamente nos beneficiamos, seja pelo bem-estar físico, espiritual ou mental.

Mas, será que isto basta? Estar presente em determinado lugar e fazer uso de tudo aquilo que ele nos oferece o credencia como um patrimônio cultural?

A estrutura da realidade concebida por Platão (2006) na República aponta para um mundo sensível, ou seja, o mundo das aparências conforme as coisas reais, mas que não passa de meras cópias imperfeitas de um mundo inteligível que corresponde às ideias ou realidade verdadeira. Sendo assim, o poeta é um impostor, visto que toda sua produção é aparente e nunca atinge a ideia perfeita de sua própria obra. Ora, se todas as instâncias deste mundo sensível são uma farsa, a fruição também o é. Sendo assim, quando adornado o utensílio em dado momento da nossa história, transformando utilidade em fruição, tanto o sujeito artífice bem como o sujeito observador representam qual modelo ideal?

A resposta está presente em outro livro de Platão (1986), Banquete. Platão trata da experiência sensível como o caminhar rumo ao amor em si, à felicidade em si, ao belo em si. Este caminho é um fruir. Deste modo, o sentido da arte aponta para além de si mesma, mediante a fugacidade da vivência na temporalidade. A função do poeta e seu desejo de transformação do objeto em algo que jamais será a representação do verdadeiro, perfeito, ideal é criticado por Platão, entretanto, a experiência estética é levada em consideração.

Voltando para a República de Platão (2006), o filósofo grego desenvolve uma dialética em torno da justiça e concebe no conceito de uma cidade ideal, o espaço adequado que consegue dar conta da harmonização entre as partes da cidade, cada qual cumprindo a sua finalidade. Esta obra gira em torno de diversos apontamentos filosóficos que são característicos na produção de Platão, como o amor, a arte, a verdade, a felicidade, a justiça, entretanto, o que nos interessa aqui é a visão de um espaço que na sua amplitude e complexidade abarca o ideal de bem-estar.

Vemos desta forma, que a investigação filosófica advinda do pensamento grego fomenta um elo com a contemporaneidade, que a preocupação do homem em busca da felicidade dialoga com o espaço, reconhecido como um patrimônio do cidadão e que em seu itinerário de vida percorre por meio da experiência sensorial inúmeras possibilidades de fruição.

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar se a fruição é a principal motivadora do sujeito no desenvolvimento de hábitos culturais, apropriando-se de lugares e espaços como um patrimônio. Tem como objetivos específicos o mapeamento de um centro cultural e de lazer e sua representatividade como território de fruição, a análise da bibliografia em torno da temática e a reflexão em torno do tempo livre, do lazer, do ócio e da massificação da cultura.

No dia 05 de março de 2015, após reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, foi aprovado por unanimidade o tombamento do conjunto arquitetônico do Sesc Pompéia, como patrimônio cultural nacional. Concluiu-se que o Sesc Pompéia, localizado na cidade de São Paulo, é um marco da arquitetura brasileira carregando valores técnicos e estéticos, principalmente pelas intervenções em sua estrutura, desenvolvidas por Lina Bo Bardi<sup>1</sup>. O espaço que abrigava uma antiga fábrica de tambores, transformou-se em um dos mais importantes centros culturais brasileiros, disseminando cultura, arte e lazer para um sem número de pessoas há mais de três décadas, concretizado a partir deste marco histórico.

O reconhecimento de um espaço que trilhou um frutífero percurso de apropriação do tempo livre do paulistano, transformando em lazer seus hábitos cotidianos, além de seu caráter de formador cultural, fato que o coloca como um território de fruição de forma sustentável durante mais de três décadas em uma metrópole como a cidade de São Paulo, torna relevante esta pesquisa.

A metodologia norteadora para a idealização conceitual deste trabalho é traduzida pelo relato de experiência de minha vivência com o Sesc Pompeia por mais de três décadas. Minha formação social, cultural e artística bebeu muito de suas águas e fica evidente que a maturidade foi adquirindo novos contornos à medida que a relação com este espaço foi ganhando amplitude.

---

<sup>1</sup> Lina Bo Bardi, arquiteta italiana, naturalizou-se brasileira em 1951, responsável pela concepção arquitetônica do SESC Pompéia durante a década de 80, localizado na cidade de São Paulo.

## **1. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1. Tempo livre e lazer**

Segundo Dumazedier (2004), a análise dos estudos do lazer na dimensão histórica, política e social indicam a necessidade do entendimento do tempo livre, como atributo indispensável na relação do sujeito com o seu habitat.

A configuração do mercado de trabalho tradicional dividiu três instâncias distintas da nossa vida cotidiana: o trabalho, a escola e o lazer. Na prática, é muito difícil conciliar tudo isso em uma única instância exatamente porque a última delas não foi compreendida como algo funcional, produtivo, importante e de valor. Com isso, o tempo livre que nada mais é do que a sobra das duas primeiras instâncias que se confunde a todo momento com o lazer.

Nomeamos de várias formas o lazer: recreação, brincadeira, fruição, diversão ou simplesmente não fazer nada. A televisão que serviu tanto tempo de alento para aqueles que chegam cansado do trabalho, compete hoje com o celular. Com ele podemos acessar infinitos conteúdos de lazer e de entretenimento com a ponta dos dedos.

É inevitável que a contemporaneidade apresenta novas perspectivas de comportamento social. Não pedimos mais o telefone de alguém, pedimos perfis virtuais. Não precisamos mais solicitar detalhes das viagens que nossos amigos realizam, está tudo ali documentado no Facebook.

Mas afinal, é possível determinar o que é o tempo livre? Na concepção clássica, o tempo livre é entendido como aquele que é desprendido das tarefas obrigatórias, em especial às realizadas pela força de trabalho para se obter a subsistência.

Se considerarmos o brasileiro médio e a ocupação do seu tempo com as tarefas obrigatórias para sua subsistência, ou seja, o trabalho que ocupa dois terços do dia levando em conta trajeto de ida e volta ao trabalho e talvez a frequência em uma universidade ou escola, qual tempo sobra? Qual ânimo sobra? Qual vontade sobra?

O mundo contemporâneo nos confortou de maneira equivocada de que não é mais preciso o deslocamento físico para o prazer. Não precisa mais ir ao teatro ou à exposição, tudo está ali. A tela do celular tornou-se o lugar. Esqueça a logística complicada de deslocamento: trânsito, violência, distância.

Mas quando você decide e se esforça para visitar uma casa de cultura, pronto. Não perguntamos sobre a programação, mas sem tem WiFi. Nos deslocamos para continuarmos parados.

### **1.2. Cultura massificada**

Como são produzidos hábitos culturais massificados? Adorno (2008) nos aponta uma luz quando enfatiza que a indústria cultural promove compensações imediatas de consumo desenfreado e sem nenhum padrão de crítica e análise mais aprofundada.

Liberta de sua submissão à igreja, hoje a arte é inserida dentro de um novo contexto de servidão: o mercado capitalista. O amplo acesso, por exemplo, às obras de arte não representa necessariamente a democratização das artes, mas sim uma mera massificação (ADORNO, 2008).

Com isso, observamos o sono da criatividade, da inspiração e do brilho estético que antes habitava os atores envolvidos. A produção e reprodução em massa exclui toda possibilidade simbólica tornando a arte apenas efêmera, passageira, repetitiva, ilusão falsificadora (ADORNO, 2008).

Em sua essência a arte existe para ser contemplada e fruída, entretanto, a indústria cultural promove apenas o espetáculo dos modismos, desvalorizando artistas, críticos, pensadores da arte e a própria criação artística (ADORNO, 2008).

Todo este cenário implica em uma divisão social entre elite e massa, na qual esta última não passa de um agregado sem forma ou identidade, servindo apenas para o consumo desenfreado, obedecendo as regras do mercado capitalista (ADORNO, 2008).

Dispor do tempo livre e preenchê-lo com atividades que atendem à demanda do superficial e descartável é característica de uma sociedade que não soube estabelecer um bem-estar social. Com isso, enfraquecemos nossas raízes culturais e não damos sustentabilidade para uma ideologia que entende a arte e a cultura não apenas como fruição, linguagem, símbolo ou comunicação, mas acima de tudo como produção, disseminação e compartilhamento de conhecimento.

Será que a indústria da cultura massificada aproveita-se da vulnerabilidade emocional, social e política da sociedade, enfraquecida pela sua formação equivocada? Netos, pais e avós repetem os mesmos padrões de comportamento atualizados conforme a sua época, que convergem para um mesmo caminho de hábitos culturais com base no senso comum.

Não há como questionar ou argumentar tal sugestão de entretenimento, pois a constituição psicológica do sujeito comporta apenas a superficialidade do que lhe foi permitido conhecer. A precariedade do tempo livre em função da configuração do mercado de trabalho onde o sujeito pouco tem a usufruir também contribui para este cenário.

O enfoque da indústria da massificação seria apenas adequar seu repertório aos hábitos culturais vigentes da grande massa e vice-versa? É uma relação invisível, onde o sujeito simplesmente não questiona, apenas aceita o que lhe é imposto. Uma vez que adquiriu tal hábito, este torna-se um mantra e segue continuamente de geração para geração.

Se pensarmos em um sujeito que sai para o trabalho cedo demais e retorna tarde demais, na média de cinco vezes pela semana, é fácil compreender que durante os chamados “dias úteis” é impensável dispor de tempo e ânimo para a realização de atividades de lazer.

A televisão e o celular tornaram-se companheiros inseparáveis de alguém que não quer se deslocar até certos lugares. De posse do final de semana, este tempo livre é entendido como o momento de reunião familiar seja em um churrasco, dia do futebol ou uma festa de aniversário.

O lazer neste caso, configurou-se dentro de um padrão que segue o modelo daquilo que foi possível lançar mão, mediante um tempo livre inadequado e refletindo uma formação cultural com base na superficialidade do espaço escolar, preparatório para uma contínua cultura massificada.

### 1.3. Ócio estético

Arroyabe (2018) nos aponta para um ócio estético valioso. Independente de linguagens artísticas ou manifestações culturais, reside no ócio a oportunidade da liberdade. Liberdade esta que pode direcionar o sujeito às riquezas diversas que a arte ou a experiência estética pode ofertar.

Um exemplo bastante fecundo de ócio estético que a autora menciona, é a *Green aria uma opera de aromas*. Idealizado por Stewart Matthew<sup>2</sup>, esta ópera de odores foi realizada no Museu Guggenheim, localizado na cidade de Bilbao - Espanha. Em um ambiente escuro, diversos tipos de essências são borrifados ao som de músicas, evocando sensações sonoras e olfativas.

Embora o sujeito que adentra o espaço de um museu tenha uma inicial intencionalidade, este é o tipo de situação que chama a atenção pela sua originalidade. Com isso, podemos adaptar esta ideia para a realidade de nosso cotidiano?

Imaginemos um ponto de ônibus, a área de descanso de determinado lugar ou nossa própria residência. Conforme a paisagem visual se apresenta, podemos criar por exemplo trilhas sonoras imaginadas para o momento. Este exercício de ócio estético é também uma das infinitas possibilidades de melhor aproveitamento do tempo livre.

Entretanto, a transformação de ócio em lazer, necessita de constante exercício de criatividade. E esta criatividade é cultivada pelo sujeito, a partir do momento que se permite ser atravessado pela arte ou pela experiência estética. Esta relação é cíclica.

O sujeito é protagonista de seu ócio, seja pelo lado produtivo ou pelo lado improdutivo e qualquer destas escolhas implica em ganhos e perdas. Neste sentido quando concebemos a ideia de um ócio estético valioso nos deparamos primeiramente com a liberdade do sujeito na decisão de preencher seu ócio com algum tipo de atividade artística ou cultural e que tenha valor para ele.

---

<sup>2</sup> Norte-americano residente em Londres, proveniente do mercado de finanças abandonou tudo e abriu a empresa SenseLab, que pesquisa as possibilidades artísticas dentro da neurociência e da inteligência artificial.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa tem como objetivo principal investigar se a fruição é a principal motivadora do sujeito no desenvolvimento de hábitos culturais, apropriando-se de lugares e espaços como um patrimônio para provocar reflexões na dimensão do tempo livre e do lazer e a sua valorização neste contexto, e a análise dos desafios impostos pela massificação da cultura.

Para esta pesquisa, adotaremos um estudo descritivo com base no procedimento metodológico de relato de experiência. De natureza qualitativa, está relacionada sobretudo a observações e aprofundamento de conhecimentos em torno de dados já explorados.

Segundo GIL (2017), as pesquisas descritivas têm como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno e apresentar variáveis que se relacionam entre si. Algumas delas vão além e pretendem determinar a natureza das relações entre variáveis, por exemplo. Neste caso, pode existir uma proximidade com as pesquisas explicativas ou exploratórias.

Mediante a dualidade entre a visão do autor e a visão do outro, as variáveis podem ser expostas e investigadas com maior abrangência, aprofundando a natureza do sujeito mediante o exercício da fruição.

Pesquisas descritivas geralmente são utilizadas por pesquisadores sociais e são as mais solicitadas por instituições escolares, partidos políticos e empresas comerciais (GIL, 2017).

Estudos descritivos proporcionam elementos importantes para a análise de dados, fenômenos diversos e estudos descritivos de toda natureza. Aplicam-se a uma variedade de objetos de estudo e oferecem credibilidade quando o pesquisador tem uma vasta relação direta com aquilo que está investigando.

Considerando que serão analisadas informações de ordem cultural nesse percurso, é importante ressaltar que os estudos descritivos dialogam com a sociologia e com a antropologia, campos de conhecimento fundamentais no entendimento do homem e sua relação com a sociedade e produção cultural.

Utilizaremos também nesta pesquisa o recurso da fotografia. Segundo Martins (2008), o registro fotográfico permite a construção imaginária e expressiva de uma sociedade, bem como o conhecimento de seus horizontes e peculiaridades. Reside no registro fotográfico aspectos documentais importantes para o entendimento de determinado objetivo. Nesse sentido pretende-se que a poética visual do autor proporcione ao observador a liberdade de interpretações, críticas e apreensões em torno da pesquisa desenvolvida.

O registro fotográfico eterniza um instante seja qual for o objetivo do retrato. Pessoas ou coisas são passíveis de variadas interpretações, conforme a perspectiva de quem faz esta leitura.

Outra vantagem da fotografia é que ela desperta a curiosidade ou desejo de aproximação com aquilo que está se pretendendo mostrar. No caso de dificuldades logísticas por conta de distância com o objeto de investigação, a fotografia democratiza este acesso. Ela também evoca sentimentos,

lembranças e o imaginário. Elementos que muitas vezes se confundem, mas que sempre são importantes na relação entre o artista, a obra e o observador.

### 3. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O relato de experiência baseado na minha vivência no espaço do Sesc Pompéia considerou os critérios descritos a seguir.

- O histórico afetivo pessoal de frequentador e consequente percurso de fruição no espaço estabelecido ao longo de três décadas.
- A apropriação pessoal do espaço como hábito cultural, transmitido para a geração de minha filha.
- O histórico pessoal de conversas com frequentadores, funcionários e colaboradores (prestadores de serviço), técnicos, artistas e arte-educadores.
- O histórico de parceria como prestador de serviço (arte-educador) e as percepções no desenvolvimento de oficinas de criatividade junto ao público infantil, jovem, adulto, terceira idade e intergeracional.
- As imagens fotográficas do Conjunto Arquitetônico do Sesc Pompéia são de minha autoria, realizadas em novembro de 2018.
- A coleta de dados referente às informações técnicas do tombamento do conjunto arquitetônico do Sesc Pompéia foi obtida no site do Iphan (BRASIL, 2018).
- As visitas Patrimoniais-Artísticas: A Fábrica da Lina - Residência Educativa (*in loco* - julho de 2018) no Sesc Pompéia.
- O referencial teórico na bibliografia escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa.

#### 3.1. Contexto histórico

Em meados da década de 1970 a arquiteta italiana Lina Bo Bardi foi convidada para projetar um espaço de lazer onde abrigava uma antiga fábrica de tambores no bairro paulistano da Pompéia. Seu primeiro desafio foi liderar uma equipe de trabalhadores em grande parte formada por homens, vencendo todo tipo de preconceito e olhares estranhos a uma profissão massificada na época pelo gênero masculino. Seu pulso firme e habilidade para superação de obstáculos fez com que adquirisse respeito e credibilidade por aqueles que estiveram ao seu lado nesta empreitada.

Outro desafio que a arquiteta possuía era projetar um centro de lazer e esportes que dialogasse com a comunidade urbana local, considerando a estrutura bruta de uma fábrica de operários mantendo ainda a beleza e leveza estética.

Lina, pouco antes do início do projeto, esteve no nordeste brasileiro, fator de suma importância para suas inspirações estéticas, visto que muito dos signos presentes no espaço do Sesc Pompéia tem ligação direta com elementos do nordeste brasileiro. Na primeira etapa do projeto foi



desenvolvido o centro de lazer, aproveitando o espaço de imensos galpões, e posteriormente construído o conjunto esportivo de concreto armado onde encontrava-se o córrego Água Preta.

Lina também fez seu escritório no próprio canteiro de obras, de modo a ficar cada vez mais próxima dos detalhes e dos elementos visuais que seriam eternizados pelo projeto. Finalmente, em 1986 o Sesc Fábrica Pompéia foi entregue em sua totalidade.

### **3.2. Cidadela da Liberdade**

O projeto recebeu o nome da própria Lina de Cidadela da Liberdade, pois entendia todo o conjunto arquitetônico como uma pequena cidade e a liberdade fazia referência ao próprio público variado que visita o local. Muitos são os signos visuais do espaço que Lina procurou desenvolver ao longo do projeto, e descobri-los tornou-se uma atividade de fruição.

O Sesc Pompéia encontra-se no número 93 da Rua Clélia na cidade de São Paulo, e quando adentramos notamos uma imensa rua de paralelepípedos que ao seu final dá acesso ao conjunto esportivo. Ao longo desta rua que na verdade nada mais é que uma extensão da Rua Clélia, o centro de lazer nos é ofertado nas laterais. Este centro de lazer abriga a imensa área de convivência, o espaço que é restaurante de dia e choperia à noite, lanchonete, o consagrado conjunto das oficinas de criatividade, o teatro e um galpão multiuso.

A área de convivência é marcada pelo aconchego de uma lareira cercada por um riacho com contornos e seixos oriundos do Rio São Francisco. As imensas portas de madeira e de tijolos de barro foram preservadas neste espaço que, pelas dimensões consideráveis, abrigam a bilheteria, o espaço infantil, o espaço expositivo, a biblioteca, os banheiros e as salas administrativas. O local também é ponto de encontro de intervenções artísticas e culturais variadas.

O restaurante possui na entrada uma lousa com o cardápio do dia e é caracterizado com esculturas de alimentos criados pelos próprios operários, utilizando entulhos da obra. O espaço também é choperia e recebe apresentações musicais da música brasileira e internacional.

O teatro possui poltronas de madeira sem nenhum tipo de acolchoado. Lina tinha a preocupação de que muito conforto poderia fazer com que as pessoas dormissem nas apresentações. As vigas de madeira que compõe o portão da fábrica foram preservadas também no hall de entrada para o teatro.

Os espaços chamados de oficinas de criatividade ofertam variada programação de cursos, oficinas e workshops dedicados às artes plásticas e ao artesanato. Cada sala é cercada por tijolos com seu concreto visível, propiciando um cenário rústico e artesanal muito agradável.

As quadras poliesportivas do conjunto esportivo não possuem dimensões oficiais, tampouco arquibancadas. Lina defendeu a ideia de que o esporte é uma atividade de lazer e que não se deve alienar o público para fins de competição.

O acesso às quadras é feito por meio de rampas externas, distribuídas por um edifício de

concreto armado. No começo das rampas encontra-se uma fresta protegida por vergalhão de ferro desenhada no formato da flor de mandacaru. Este mesmo desenho é notado quando se olha para as rampas do térreo logo acima, visto a sua estratégica distribuição espacial.

No térreo do edifício hoje há uma sala de atendimento, mas anos atrás abrigava uma lanchonete com balcão e bancos de concreto circulares, remetendo às antigas mercearias. A escada interna que lembra uma serpente recebeu o nome de escada gaiola e a caixa d'água tem o formato de uma chaminé. As janelas das quadras poliesportivas na verdade são recortes geométricos no concreto. Para tal, misturou-se a argamassa com isopor.

### **3.3. O conceito Sesc**

Embora em sua nomenclatura o Sesc (Serviço Social do Comércio) atenda a uma clientela de associados do comércio de bens, serviços e turismo, e seus dependentes e familiares, ele acaba por atender o público de forma geral.

Diversas são as possibilidades de atividades culturais, artísticas e esportivas que permitem o acesso mesmo das pessoas que não são associadas. Tecnicamente se entende este lugar como aquele que reúne: Arte: teatro, dança, circo, cinema, artes visuais, etc. Cultura: esporte, alimentação, terceira idade, crianças, valorização social, inclusão social, turismo, etc. Educação não formal: cursos, oficinas, vivências, experimentações, etc.

Um verdadeiro emaranhado de possibilidades, mas que sem um cuidado e propósito social, não faz sentido. O Sesc soube reunir aquilo que o mercado de trabalho separou. Educação não formal tornou-se o lugar da formação cultural. Não se trata de currículo, mas sim de repertório. Não se trata de disciplinas, mas sim de linguagens artísticas, não se trata de corpo docente, mas de profissionais das mais variadas formações, culturas e anseios em prol de seu público.

Aprendizado confunde-se com o prazer de aprender algo novo. Arte e cultura na verdade tornaram-se a força motriz da educação não formal, principalmente pela caracterização dos conteúdos mediados. Com isso, refletimos e questionamos o espaço escolar formal desde sua arquitetura até a formatação de suas finalidades.

A escola de hoje é a mesma da década de 1980? O que mudou em seu espaço arquitetônico? É possível um exercício de imaginação e chegar à conclusão de que basicamente temos salas de aula, pátio, cantina, biblioteca, quadra e diretoria? Podemos ir um pouco além e imaginar que estas salas de aula tem uma lousa e cadeiras e carteiras dispostas de forma retangular ao longo de seu espaço com paredes cinzas? O pátio é espaçoso, porém vazio?

As bibliotecas são limitadas à prateleiras, livros e mesas? Não é um espaço multiuso, apenas biblioteca? A cantina nada mais é que um lugar para comer? A quadra é o lugar que os meninos jogam futebol e as meninas vôlei? Finalmente a diretoria é o lugar do medo, para lá ninguém quer

estar?

A arquitetura diz muito sobre o lugar. Mas, como debater o espaço arquitetônico escolar, se mal conseguimos remunerar com dignidade os docentes? E como falar dos docentes sem falar do currículo, dos conteúdos, das políticas públicas, da evasão, do acesso. E como falar de tudo isso sem falar na sua finalidade?

Será que a finalidade do ensino infantil é a preparação para o ensino médio? Será que o ensino médio é a preparação para um curso preparatório do Enem? Será que o Enem é a preparação para um cursinho pré-vestibular? Será que um curso de nível superior é a preparação para um mercado de trabalho que pouco importa-se para o tempo livre?

Trata-se de um ciclo interminável de finalidades corrompidas e sem qualquer compromisso para uma formação humanista e íntegra do homem em meio ao seu habitat. O que deveria ser um espaço de formação tornou-se um espaço de dissociação. Os elementos não são integrados, mas gradativamente corrompidos.

### **3.4. Percursos e paisagens**

Ainda que a massificação da cultura seja dominadora nos hábitos culturais vigentes, observamos que o sujeito consegue trilhar um caminho diferente daquilo que lhe é imposto.

Observar o público do Sesc em geral é um exercício interessante e a tarefa fica mais fácil quando você tem a experiência de vinte anos como visitante das unidades, em especial o Sesc Pompéia. Frequentar o número 93 da Rua Clélia, que carinhosamente os mais antigos costumam chamar de Sesc Fábrica Pompéia, é um percurso estabelecido há mais de três décadas e que gerou e ainda gera paisagens das mais variadas e ricas.

Tomando como recorte o público da terceira idade muito presente em todas as unidades da rede Sesc, observamos que foi possível transgredir o conceito de atividades desinteressantes para um público pouco exigente. A visão de que o público da terceira idade até então contentava-se com carteados, tricô e leitura de jornais ficou para trás. Estrategicamente o Sesc apontou para um caminho amplo para esta geração, demonstrando ser possível a inclusão intergeracional. O turismo social aliado com inúmeras atividades de bem-estar físico e mental, criou um público fiel e participante.

Isto é evidenciado pelo Trabalho Social com Idosos (TSI) que nada mais é do que a inserção deste público em atividades variadas como o vôlei adaptado, hidroginástica, oficinas e cursos dirigidos, atualização digital, festas e eventos específicos, turismo social, promoção da relação intergeracional e ateliês artísticos para a família. Esta valorização social aliou atividades culturais e artísticas como a promoção da saúde e da qualidade de vida por meio do esporte.

O público infantil igualmente recebeu a atenção do Sesc por meio do programa Curumim. Seguindo o mesmo modelo de atenção voltada para o lazer, recreação e esporte, a infância é reconhecida com suas características fundamentais na construção de um repertório cultural que

percorre caminhos variados e inclusivos. A educação não formal com seus componentes experimentais mostrou para a criança que aquele espaço de brincar também é um espaço de aprender. Na verdade, o envolvimento com o espaço é tão grandioso que a criança de forma lúdica é mediada para o conhecimento e para a construção das suas paisagens.

Com isso, o Sesc de forma inteligente nos mostrou ser possível a construção de um percurso rico e variado, proporcionando paisagens visuais, sonoras, táteis, mas acima de tudo, paisagens afetivas.

### **3.5. Fruição**

Paisagens afetivas constituídas a partir do percurso individual do sujeito, são marcadas pela presença da fruição. Refletimos a respeito do tempo livre e de quanto perdemos por nos dedicarmos apenas às atividades “obrigadas” para obtenção da subsistência. O ócio tão maltratado pelo senso comum é um personagem fundamental neste contexto.

Quando o usuário do Sesc se depara com uma variedade de possibilidades, ele entende que aquele ócio precioso pode ser equalizado e dosado conforme suas demandas. Se ele frequenta um curso esportivo, o seu caminho espacial é marcado pelo contato com uma exposição de arte, por exemplo. Isto significa que o lugar integra todas as suas atividades e programação independente de quem transita por ali.

O usuário acaba por se tornar o beneficiado ao mesmo passo que disseminador para outras pessoas. Ou seja, há uma combinação do ócio de vários atores, conforme as possibilidades ofertadas. Esta apropriação do espaço ocorre quando o espaço não é mais percebido como algo externo à vida cotidiana, mas sim como uma extensão da nossa rotina.

As inúmeras obrigações cotidianas facilitam o que chamamos de stress e o modo de vida contemporâneo permite alienação do sujeito. Estar naquele espaço de fruição quebra este ciclo de alienação, pois há uma identificação das atividades cotidianas com o melhor aproveitamento daquele tempo livre.

É certo que no dia seguinte o tempo “obrigado” começa novamente, mas há a expectativa e a certeza que aquele momento de relação com o espaço irá voltar.

A apropriação do espaço e a consequente identificação sujeito versus lugar incide em uma fruição natural, descompromissada, fruição pela simples fruição. Vontade de estar ali.

### **3.6. Patrimônio cultural**

Ao estabelecer uma conexão afetiva com o espaço, o sujeito constrói diariamente o seu patrimônio cultural. Quando a arquiteta Lina Bo Bardi desenvolveu o projeto do Sesc Pompéia, talvez não imaginasse o quanto este lugar seria incorporado e materializado pela cidade de São

Paulo. A cidade de São Paulo oferta imensa variedade de atrativos artísticos e culturais, e o Sesc Pompéia sempre foi protagonista neste contexto.

O bairro da Pompéia tem uma localização privilegiada no que diz respeito ao espaço urbano. Mobilidade adequada ao transporte público, proximidade à região central da cidade, bairro que soube harmonizar espaço residencial e conjuntos comerciais.

A maior parte da programação da rede Sesc é ofertada de forma gratuita e quando cobrada, há uma relação custo-benefício favorável ao usuário. Ao longo de sua história, eventos marcantes tornaram-se marca registrada do Sesc Pompéia como a sua festa junina que infelizmente não mais existe quando desta pesquisa. Apresentações artísticas de nomes consagrados, emergentes e alternativos também sempre representaram uma oportunidade de acesso à um repertório cultural plural e intenso.

A preocupação com a saúde e bem-estar foi disseminada por meio dos constantes programas esportivos, além de suas clínicas odontológicas e promoção da alimentação saudável. Todos estes fatores contribuíram para entender o espaço Sesc Pompéia como um agente cultural da cidade de São Paulo, mas certamente, o que marcou a vida das pessoas dentro deste lugar é o reconhecimento da extensão do que deveria ser a nossa casa, o nosso refúgio.

Os dados observados na análise foram coletados por meio fotográfico porque entendo que esta é uma maneira de registrar o meu olhar sobre a arquitetura do Sesc Pompéia. Os critérios adotados para as fotografias levaram em consideração a arquitetura do conjunto arquitetônico e os principais pontos de convivência do espaço. É importante ressaltar que foram registradas 300 fotografias para este trabalho. No entanto, foram selecionadas apenas 21 evitando desta forma que a pesquisa não ficasse tão extensa.

A seguir apresentam-se uma seleção das fotografias dentre aquelas registradas durante o mês de novembro de 2018 por este autor com o objetivo de demonstrar um recorte do itinerário de fruição percorrido pelo espaço do Conjunto Arquitetônico do Sesc Pompéia.



Figura 1 - Entrada pela emblemática Rua Clélia, 93  
Fonte: o autor (2018)



Figura 2 - Entrada da Área de Convivência  
Fonte: o autor (2018)



Figura 3 - Riacho inspirado no Rio São Francisco  
Fonte: o autor (2018)





Figura 4 – Lareira  
Fonte: o autor (2018)

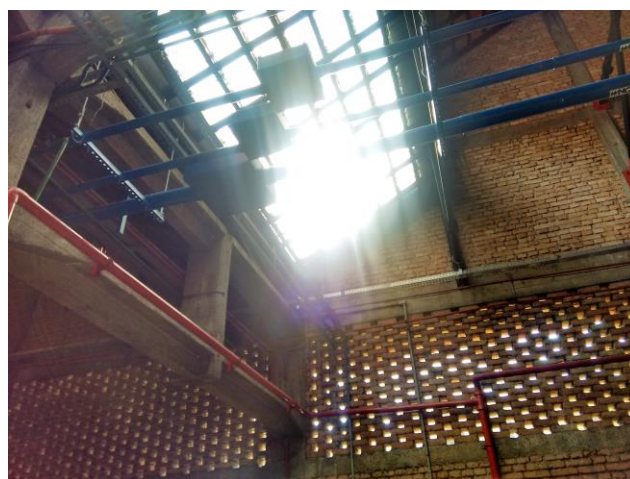


Figura 5 - Detalhe do teto e da parede de tijolos  
Fonte: o autor (2018)



Figura 6 - Espaço expositivo  
Fonte: o autor (2018)

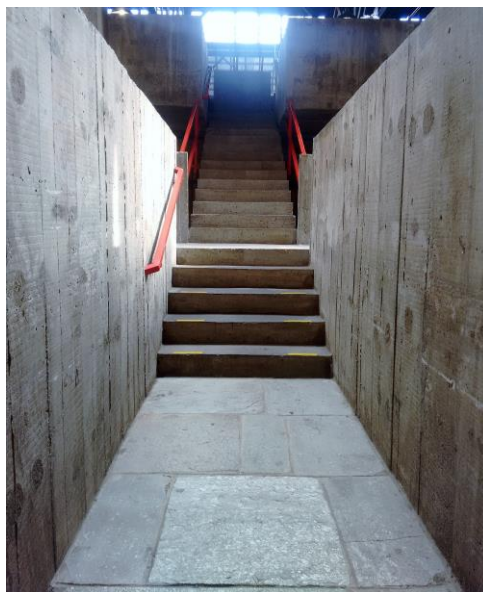


Figura 7 - Escada de acesso ao Espaço de Leitura  
Fonte: o autor (2018)



Figura 8 - Painel do cardápio  
Fonte: o autor (2018)



Figura 9 – Teatro  
Fonte: o autor (2018)





Figura 10 – Forno  
Fonte: o autor (2018)

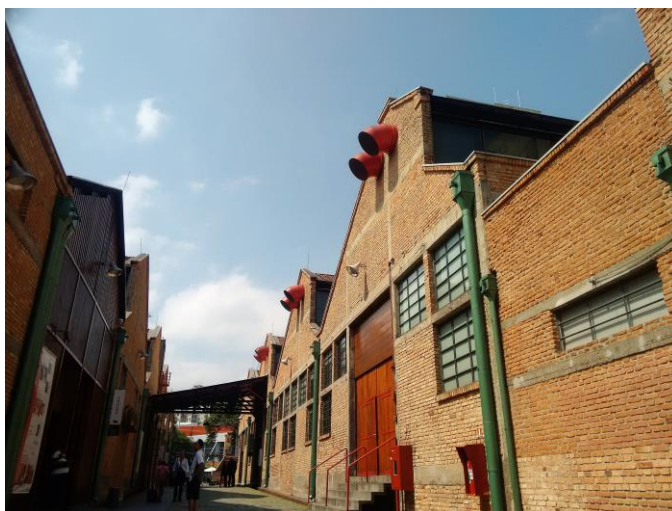


Figura 11 - Panorama da rua central  
Fonte: o autor (2018)



Figura 12 - Detalhe das Oficinas de Criatividade  
Fonte: o autor (2018)



Figura 13 - Painel das Oficinas de Criatividade  
Fonte: o autor (2018)



Figura 14 - Imagem refletida do Conjunto Esportivo  
Fonte: o autor (2018)



Figura 15 - Espaço Infantil  
Fonte: o autor (2018)



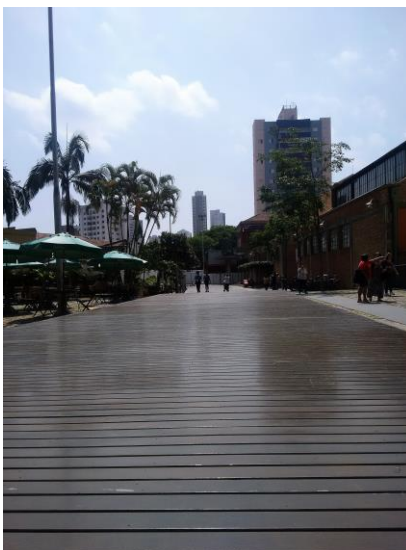


Figura 16 - Deck Solarium  
Fonte: o autor (2018)



Figura 17 – Piscina  
Fonte: o autor (2018)



Figura 18 - Conjunto Esportivo  
Fonte: o autor (2018)



Figura 19 - Escada helicoidal  
Fonte: o autor (2018)



Figura 20 - Batente da rampa Flor de Mandacaru  
Fonte: o autor (2018)



Figura 21 - Visão das rampas Flor de Mandacaru  
Fonte: o autor (2018)

A rede Sesc conseguiu atender a comunidade diante daquilo que o poder público não conseguiu. A escola formal preocupada em sua essência com a forma abriu espaço para um centro cultural e de lazer que se preocupou em grande parte com seu conteúdo. Cercar o sujeito com inúmeras possibilidades atrativas e de qualidade tem sido o papel da rede Sesc desde sua fundação.

Os valores sociais empregados por Lina Bo Bardi na idealização do Sesc Pompéia, potencializados pela simbologia estética de seus elementos visuais e arquitetônicos, por si só não representam a dimensão de sua importância para a cultura brasileira. Ao longo de três décadas este espaço foi materializado pelas pessoas como um lugar de estar, independente das motivações práticas, dos interesses ou ainda daquilo que se entende como preenchimento do tempo livre.

Dado o exposto, concluímos que:

- A massificação da cultura não é um impeditivo definitivo no que tange hábitos culturais, mas tão somente um obstáculo. Existem alternativas de ocupação do tempo livre com propostas de lazer que procuram fugir do descartável, imediato e do gosto duvidoso. Centros culturais e esportivos como a rede SESC são exemplos vivos e acessíveis e que devem ser melhor aproveitados e disseminados.
- Centros culturais e esportivos proporcionam ações pedagógicas, tão eficientes e por vezes mais eficientes ainda do que o espaço escolar formal, pois sua configuração estrutural e conceitual é desprendida de vícios ultrapassados, entendendo que arte, cultura, esporte, saúde e lazer fazem parte de um mesmo corpo social. A escola formal nem sempre consegue agregar todas estas instâncias. As dificuldades apresentadas pelas escolas públicas são históricas, que vão desde a formação dos professores até o currículo escolar.
- A fruição é a principal motivadora do sujeito no desenvolvimento de hábitos culturais na medida em que há uma apropriação do espaço como seu habitat de relações múltiplas de entretenimento, conhecimento, prazer e felicidade. Fazer parte daquele lugar é ser partícipe do território e de tudo aquilo que é produzido a partir dali.

## CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi investigar se a fruição pode ser considerada como principal motivadora do sujeito no desenvolvimento de hábitos culturais, apropriando-se de lugares e espaços como um patrimônio, buscando provocar reflexões na dimensão do tempo livre e do lazer e a sua valorização neste contexto.

O homem desde a antiguidade estabeleceu relações sociais, procurando por modelos do bem-estar na coletividade que vive. Ao longo de seu desenvolvimento tecnológico e científico criou novas formas de apropriação do tempo livre, refletida em seus hábitos culturais e nas suas ações de lazer. Em meio à massificação da cultura, procurou situar-se socialmente conforme as variadas demandas de desejos e ofertas. Neste aspecto, converge tantas oportunidades em um itinerário pessoal pela busca de sua felicidade, construindo patrimônios artísticos e culturais.

Assim, concluímos que a massificação da cultura é um obstáculo a ser superado, a estrutura conceitual de centros culturais e esportivos são relevantes para ações pedagógicas e que a fruição é entendida como principal fonte motivadora dos hábitos culturais.

Considera-se que objetivo desse estudo foi atingido tendo em vista todo itinerário percorrido durante a investigação. A massificação da cultura não impede que o sujeito tenha em seu habitat cultural lugares e territórios como o SESC Pompéia e com isso, valorizar iniciativas de centros culturais e esportivos, formatados exatamente para suprir o que a iniciativa pública, muitas vezes não consegue realizar.

Sugere-se para pesquisas futuras mais aprofundamentos sobre os temas: tempo livre, lazer, fruição e patrimônio pois, são temáticas atemporais servindo sempre de referência para discussões que transbordam linhas de pensamento e promovem novas conceituações, atravessamentos e entendimentos acerca do homem em meio ao seu habitat cultural.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. Paz e Terra: São Paulo, 2008.

ARROYABE, Maria Luisa Amigo Fernández de. **Ócio estético valioso**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

BRASIL. **Instituto De Patrimônio Histórico Artístico E Cultural - Iphan. Sesc Pompéia** - São Paulo (SP). [2018]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/galeria/detalhes/300>>. Acesso em: 11 set. 2018.

BRASIL. IPHAN. **Tombamento do Sesc Pompeia (SP) é aprovado**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1219>. Acesso em: 02 dez. 2018.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

PLATÃO. **A República**, tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado (com revisão técnica e introdução de Roberto Bolzani Filho), São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PLATÃO. **O Banquete**, tradução, introdução e notas de José Cavalcante de Souza, 4. Ed, São Paulo: Difel, 1986.

SESC. **Sobre o SESC**. Disponível em: [http://www.sesc.com.br/portal/sesc/o\\_sesc/](http://www.sesc.com.br/portal/sesc/o_sesc/). Acesso em: 02 dez. 2018.<http://www.sesc.com.br>

SP, Sesc. **Sobre o SESC**. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/>. Acesso em: 02 dez. 2018.